

OS MECANISMOS DA FORMAÇÃO DOCENTE

Telise Ziegler Krauspenhar

Liana Vendramin Moreira

Nicéia Mendonça Fonseca

Nataly Fagundes Correa

Vera Lucia Dal Bosco da Silva Tutora Externa

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

LETRAS 555 – PRÁTICA INTERDISCIPLINAR

30/10/2017

Resumo

Este paper objetiva abordar os mecanismos de uma formação para professores formando docentes profissionais que ao longo da vivência educacional serão educadores de aprimoramento contínuo tendo como fim a humanização do homem encurtando assim a distância das desigualdades. Acredita-se que é através da educação, do saber-fazer e do saber-saber que formaremos uma sociedade ética e interligada.

Palavras-chaves: formação de professores, didática, ética e competências.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma pesquisa exploratória voltada para os mecanismos que levam a formação docente englobando os preceitos éticos, as pesquisas em sala de aula e as trocas de informações mostrando as experiências individuais e como conduzi-las para o crescimento. Também abordaremos a didática aplicada ao ensino que objetiva o estudo dos métodos de aprendizagem, pois quando um aluno não está aprendendo o que está sendo passado pelo professor, o problema pode estar na didática. Todo profissional precisa aprender a ter uma boa didática que objetiva o estudo dos métodos de ensino para que o docente domine a arte ou a técnica de ensinar e assim transmitir o

conhecimento. As estratégias de ensino fazem parte da didática para que o aluno possa aprender a seguir em frente com seus estudos vindo mostrar que um bom professor, um bom material didático e um bom aluno presencial, à distância ou autodidata fazem toda a diferença.

O professor é o transmissor e é a partir dele que se dá a aprendizagem ou não logo, parte dele descobrir a melhor maneira de apresentar aos alunos o material didático disponível com elaboração de exercícios atrativos, lúdicos, estimulantes que auxiliem na fixação do conteúdo. Em sala de aula é que aprenderemos como é ter uma classe formada por indivíduos únicos, diferentes entre si logo nossa tarefa como professor ficará pela metade se não nos empenharmos em descobrir o mundo individual de cada aluno e suas peculiaridades. Por isso o professor precisa além de ética, conhecimento, didática, muita paciência e amor ao próximo e mesmo assim é frequente as frustrações mas por vezes pode ser gratificante.

O presente estudo tem como objetivo formar professores profissionais através dos tópicos da Metacomunicação, do Conhecimento na ação, da Videoformação e mostrar a metodologia de formação docente.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METACOMUNICAÇÃO

Para termos conhecimento da metacomunicação precisamos da prática que é a principal formadora das competências educacionais e isso se dá por tentativa e erro através da vivência com os conflitos em sala de aula. As competências para atuar em sala de aula se constroem ao longo da vida. Por competência entende-se segundo o dicionário Larousse, 1999, capacidade legal de apreciar ou julgar um pleito ou questão; profundo conhecimento que alguém tem sobre um assunto; aptidão, habilidade. Nossas competências são testadas e é aí que entra a metacomunicação é aí que entra o saber-fazer e o saber-saber e é para isso que ocorre a formação de profissionais docentes que estudaram e se dedicaram para atuarem junto aos seus alunos.

A metacomunicação é saber fazer com que a mensagem passada aos alunos seja interpretada da forma que foi passada. Paquay, disserta que para entender os alunos e mais ainda, questioná-los ativamente, é preciso que a relação pedagógica seja inteiramente positiva e que o contrato permita tais intercâmbios. Talvez este seja o eixo de toda a formação de professores: habituar-se a encorajar os alunos a dizerem o que observam e o que sentem. Assim, a metacomunicação está na competência do professor

em adquirir o conhecimento necessário para saber transmiti-lo, pois quanto maior for o conhecimento maior será a facilidade em compartilhá-lo.

A competência do professor reside na posse dos conhecimentos disciplinares requeridos e na capacidade para explicar com clareza e ordem tais conteúdos, bem como na avaliação, com rigor, da aquisição destes por parte dos alunos. Sacristán/Gómez, 1996.

O processo de ensino e aprendizagem tem por finalidade:

- favorecer a formação de um sujeito participativo em sala de aula, isto é, fazer com que o aluno pergunte e coloque as suas opiniões sobre determinado assunto;
- estimular a praxis em sala de aula, ou seja, um processo reflexivo diante do conhecimento a ser apreendido e construído;
- a coerência entre teoria e prática educativa. Para que isso ocorra é preciso de uma efetiva compreensão dos fundamentos da prática educativa.

A efetiva concepção de ensino e prática educativa assumida pelo aluno-mestre, em muitos casos, é direcionada pelo professor. A escolha por parte do aluno-mestre da teoria de ensino-aprendizagem que é mais adequada e/ou coerente para a prática educativa dele será pautada: pelas análises das leituras e atividades práticas desenvolvidas no curso de graduação, bem como da maturidade da conclusão feita diante das análises.

Segundo Libaneo (1994), o professor tem sua posição sobre variados assuntos e não há porque ocultá-la. Apresentá-los aos alunos-mestre significa expô-la a análise que os alunos eventualmente poderão fazer, da mesma forma que o professor faz sua análise das posições manifestadas pelos alunos. Se isto ocorrer terá atingido uma real situação de ensino-aprendizagem significativa, além de uma relação professor-aluno de “igualdade”.

É de fundamental importância que o aluno compreenda os mecanismos ou “instrumentos intelectuais” que lhe permitam refletir e analisar suas próprias posições e ações, ao longo de sua vida profissional, sobretudo, diante de eventuais processos de ensino que será vivenciado na educação escolar. Uma última consideração muito importante para o professor de Metodologia é que existe um determinado tempo de duração dos trabalhos, além do que corre-se o risco de se fazer um trabalho superficial e desorientado, fazendo com que os alunos tenham a sensação de que os processos de conhecimento sobre a metodologia de ensino não é importante na formação. O “tempo adequado” é definido por uma série de fatores e circunstâncias sociopedagógicas, tais como: a natureza dos processos de comunicação social predominantes, a carga horária disponível para trabalhar com a disciplina, as formas de comunicação e o dinamismo desenvolvido em sala de aula. É preciso que os professores de Metodologia estejam

cientes de que o processo de conhecimentos sobre o tema não esgota na escola. O importante mesmo é que essa introdução seja marcante, cheia de sentido e que se isto acontecer de fato, os alunos formularão outras questões sobre o assunto, além incentivar a curiosidade, a pergunta e a constante reflexão. Pode-se dizer que o papel do professor e da escola é o de alimentar essa curiosidade, produzindo mecanismos que possibilitem o ensino e aprendizagem mais significativo e coerente para aluno e professor.

2.2 O Conhecimento na Ação

Historicamente, a formação de professores vem sofrendo mudanças decorrentes na evolução do modo de produção de conhecimento pela humanidade e pela crescente rapidez na divulgação desses conhecimentos, portanto, faz com que a questão da formação de professores esteja atualmente cada vez mais presente nas pautas de discussões gerais, onde foram os Estados Unidos e Canadá que iniciaram, no final dos anos de 1980.

As reformas decorrentes desse movimento tiveram por objetivo reivindicar status profissional para os profissionais da educação, apoiados na premissa de que existe uma base de conhecimento para o ensino, muitos pesquisadores mobilizaram-se na investigação e sistematização desses saberes com a intenção de melhorar a formação de professores, buscaram também, iniciar um processo de profissionalização que favorecesse a legitimidade da profissão e, dessa forma, transpusesse a concepção da docência ligada a um fazer vocacionado. No Brasil, a introdução dessa temática acontece na década de 1990, especialmente, pelas obras de Schön, Tardif dentre outros que, direta ou indiretamente vêm tratando do saber docente. Estes autores defendem a emancipação do professor como alguém que deve decidir e encontra prazer na aprendizagem e na investigação do processo de ensino e aprendizagem.

Segundo as idéias de Schön (1992) sobre o desenvolvimento do conhecimento profissional baseiam-se em noções como a de pesquisa e de experimentação na prática. A designação ‘professional artistry’ é usada pelo autor com o sentido de referir as competências que os profissionais revelam em situações caracterizadas, muitas vezes, por serem únicas, incertas e de conflito. O conhecimento que emerge nestas situações de um modo espontâneo e que não se é capaz de explicitar verbalmente pode ser descrito, em alguns casos, por observação e reflexão sobre as ações. Estas descrições são diversas

e dependem das linguagens e das propostas, podendo ser referidas sequências de operações, procedimentos executados, pistas observadas, regras seguidas, valores, estratégias e princípios que constituem verdadeiras teorias de ação. Já TARDIF (2002), enfatiza a importância do saber experiencial, considerando com igual importância os saberes profissionais que, segundo a definição de epistemologia da prática profissional dos professores, é compreendido como o estudo do conjunto dos saberes utilizados realmente pelos profissionais em seu espaço de trabalho cotidiano para desempenhar todas as suas tarefas.

Mas para Imbert (2003), é preciso tempo e prudência para modificar as práticas pedagógicas construídas historicamente, ele analisa que a mudança da escola e das práticas pedagógicas somente poderá se realizar quando se operar uma transformação no imaginário dos educadores, em que comungamos com o autor que o motor da pedagogia é a práxis pedagógica, que funciona como um instrumento de produção de autonomia, na direção de produzir alunos que falam. A questão da práxis é para o Imbert (2003), a consolidação de um projeto de autonomia, que implica em trabalhar o imaginário sobre o qual a instituição se apoia.

Contreras, (2002) ressalta a necessidade de viabilizar uma prática pedagógica fundamentada na teoria dos professores como profissionais autônomos, reflexivos, críticos e indutores, acreditando que as reflexões sobre um trabalho intelectual crítico, supõem uma compreensão abrangente do trabalho profissional, da missão e atuação da escola e dos fatores sociais, culturais e políticos que condicionam a prática educacional.

Diante do exposto acima entendemos que, a formação continuada de professores no Brasil possui uma trajetória histórica marcada por diferentes tendências, que não se constituíram a priori, mas que vêm emergindo das diferentes concepções de educação e sociedade presentes na realidade brasileira, aonde a orientação teórico-conceitual crítico-reflexiva vem sendo apontada pelos diferentes estudos como a mais adequada para a formação continuada de professores de qualquer nível ou modalidade de ensino. Consideramos que a Formação de Professores, por meio da análise oferece aos educadores possibilidades concretas de ampliar conhecimentos, rever o que sabe e o que ainda necessita conhecer para aprofundar seus estudos teóricos e aperfeiçoar suas ações na prática tornando-se um profissional de docência.

2.2 VIDEOFORMAÇÃO

Na formação de Professores, o microensino já não é a última novidade, mas não é o vídeo que está fora de moda, e sim a esperança de poder induzir comportamentos sem fazer uma inflexão através da análise. PERRENOUD, 2007

Na prática docente é vital o professor ser humano, amigo dos seus alunos e colegas e ser bem humorado. O conhecimento e as habilidades só poderão chegar até nós através dos estímulos, entusiasmo e motivação no aprendizado. Como professores temos que manter o foco no aluno e na variedade de atividades que estimulem sua criatividade rumo ao aprendizado. A repetição é a chave para o aprendizado logo o exercício da repetição deve ser estimulado em diferentes atividades para não se tornar monótono e cansativo.

O título deste paper remete-nos a teoria de Taylor teoria mecanicista onde os operadores de máquinas em indústrias efetuavam movimentos mecânicos sem pensar apenas agindo e os professores longe disso não podem se conformar e agir mecanicamente pensando apenas em uma sala de aula com alunos que precisam aprender o que está proposto na metodologia indicada pelo MEC. Precisamos formar professores críticos com poder de pensamento ativo agindo em encontro com as expectativas de cada aluno único em sala.

Devido as diferentes formas de pensar e de agir na prática, os modelos de planos de estudo servem para nortear uma idéia e a maneira de comunicar o material utilizado, porém, não existe uma fórmula a ser seguida, pois as situações momentâneas do dia-a-dia são impares. Assim como o mundo evoluiu e continua evoluindo em tecnologias e pesquisas em diversas áreas, a metodologia de ensino também evoluiu e está em constante movimento de transformação indo de encontro às tecnologias. Segundo Paquay,(2007) a ferramenta vídeo pode intervir nos aprendizados profissionais dos professores em diversos momentos e de múltiplas maneiras. As funções que lhes são atribuídas nos processos de formação variam conforme as concepções do ofício de professor privilegiadas pela instituição de formação. Muitas instituições de ensino estão se modernizando e fazendo uso da tecnologia a favor da educação, usando de recursos modernos e lúdicos para estimular o aprendizado de seus alunos, contudo, a vídeoformação ainda está e permanecerá sendo um instrumento de ligação teoria e prática. Motivar nossas crianças que já nascem de olhos abertos, cheias de curiosidade e que aos 12 meses ou menos, já sabem manusear um smart phone é tarefa para educadores profissionais.

Desde o início do ensino o professor deverá despertar o entusiasmo dos alunos pelos estudos mostrando que a prática leva ao aperfeiçoamento e por mais que a tecnologia esteja bem presente em sala de aula, é escrevendo a lápis ou a caneta no caderno e é fazendo e refazendo contas que o aluno irá aprender para a vida.

2.4 METODOLOGIA DA FORMAÇÃO DOCENTE

METODOLOGIA s.f.(DO grego *methodos*) 1. Parte de uma ciência que estuda os métodos aos quais ela se liga ou dos quais se utiliza: metodologia linguística. --- 2 Estudo sistemático, por observação, por observação da prática científica, dos princípios que a fundam e dos métodos de pesquisa utilizados. --- 3. Conjunto dos métodos e técnicas de um campo particular. Larousse Cultural, 1995

Nossa pesquisa foi feita através de livros e algumas pesquisas online e também com nossas opiniões para testar nossos próprios conhecimentos com este tema a fim de conhecer nossa futura formação. A metodologia está intrinsecamente ligada à didática.

Trata-se de um estudo que analisa as perspectivas da metodologia de projetos na formação de professores, entendendo tal prática como uma análise, evidenciam aspectos relevantes dos projetos didáticos para a formação do professor, e ainda seu potencial de intervenção em problemas concretos, provocando ações, reflexões e práticas educativas que fortalecem a identidade docente dos futuros professores a estratégia formativa que apoia a formação docente.

Sinalizam que a metodologia de formação que vimos construindo pode possibilitar mudanças de atitude nos multiplicadores. Talvez este tipo de mudança ainda não seja suficiente para transformar a escola como um todo, mas, certamente, é o início de um processo que pode crescer e abranger outras instâncias. Nossa ação ainda está restrita ao multiplicador. No entanto as ações têm um efeito importante em outras instâncias porque têm possibilitado a discussão e a reflexão sobre assuntos que dizem respeito ao cotidiano da escola e que envolvem toda a comunidade: o processo de ensino-aprendizagem, as metodologias de ensino, o papel do currículo, os diferentes papéis do professor e de seus alunos, a importância do trabalho colaborativo entre diferentes professores visando à construção de novas formas de ensinar e aprender.

3 Referencias Bibliográficas:

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António (Coord.). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 8a. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

IMBERT, F. Para uma práxis pedagógica. Brasília: Plano, 2003.

CONTRERAS, Domingo J. Autonomia de professores. Trad. Sandra Trabucco Valenzuila. São Paulo: Cortez, .

PAQUAY, Léopold. PERRENOUD, Philippe. Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências? 2ª edição revisada. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SACRISTÁN, Gimeno.GÓMEZ, Pérez. Compreender e transformar o ensino. 4ª ed. Artmed, 2007.

LAROUSSE CULTURAL. Grande dicionário da Língua Portuguesa. Nova Cultura, 1999.

LIBANEO, J.C. Os métodos de ensino. São Paulo: Cortez, 1994.

www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br